

Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

ESPAÇO-TEMPO NA METRÓPOLE: A FRAGMENTAÇÃO DA VIDA COTIDIANA

Marli T. Michelsen de Andrade

Boletim Gaúcho de Geografia, 31: 186-189, out., 2006.

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/37464/24214>

Publicado por

Associação dos Geógrafos Brasileiros



Portal de Periódicos
UFRGS

UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

Informações Adicionais

Email: portoalegre@agb.org.br

Políticas: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

Submissão: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

Diretrizes: <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

Data de publicação - out., 2006

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

ESPAÇO-TEMPO NA METRÓPOLE: A FRAGMENTAÇÃO DA VIDA COTIDIANA

Marli T. Michelsen de Andrade¹

Ana Fani Alessandri Carlos pretende, com este livro, explicar a dinâmica do processo de reprodução do espaço na metrópole de hoje. Para tanto, analisa em sua tese de doutoramento, a implantação da Operação Urbana Faria Lima (OUFL), em São Paulo enfocando os múltiplos aspectos que abrangem este acontecimento. A conquista de parcela do espaço, liberado das instâncias de propriedade privada e seu posterior relançamento no mercado imobiliário, a construção de um sistema viário que viabilizasse a implantação da OUFL, as mudanças no uso do solo e a lei de zoneamento da área são os principais aspectos abordados, analisados sob a influência do pensamento de Henri Lefebvre.

As transformações que culminam com a categorização de *metrópole* e que decorrem da imposição do novo sobre o que existia anteriormente, constituem condição para a viabilização do ciclo do capital. A reprodução do espaço a que se reporta a autora agitou o fluxo do capital, ocasionando a destruição dos antigos lugares e a mudança nos usos e funções daquelas áreas que foram, novamente, lançadas no fluxo do valor da terra. Os efeitos da reprodução do capital, multiplicando-se, afetam a estrutura urbana trazendo à luz novas centralidades, produzindo pólos de atração que redimensionam o fluxo das pessoas no espaço, por meio de usos diferenciados.

No processo de implantação deste complexo urbano, como fator importante aparece a homogeneização do espaço, instituída através da repetição indefinida de um modelo que limita os usos e reduz o modo de vida a atos e gestos repetitivos, evidenciando-se aí comportamentos orientados e vigiados.

A reprodução do espaço nesta situação em particular se dá por duas vias: numa delas acha-se a possibilidade de articulação entre a apropriação e o uso dos lugares da metrópole,

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia – UFRGS michelsenandrade@yahoo.com.br

BOLETIM GAÚCHO DE GEOGRAFIA	PORTO ALEGRE	N.º 31	P. 186-189	OUT. 2006
-----------------------------------	--------------	--------	------------	-----------

representada pelos modos que o homem se utiliza para se apropriar do espaço em sua vida. A outra se verifica através do poder do Estado atuando localmente no espaço para obter a reprodução das relações sociais que permitem a continuidade do processo de acumulação de capital.

É interessante observar como se realiza o processo de reprodução da sociedade urbana em sua totalidade, no momento atual: em um primeiro momento verifica-se a mercantilização do solo de propriedade privada, fragmentado, que leva à sua transformação, produzindo-o como mercadoria. Essa transformação, na medida em que desagrega a identidade inerente àquele espaço até então, gesta novo um sentido, impregnando-o de novas significações. Num segundo momento, os novos modos de apropriação (ou re-apropriação), comprometidos com a ideologia do espaço mercadoria que se reproduz como condição de produção, passa a atrair capitais que migram de um setor da economia para o outro com o fim de multiplicarem-se. O espaço-mercadoria torna-se banalizado, explorado, re-definido constantemente. Este conjunto de fatos leva ao esvaziamento das relações sociais, pois o conteúdo da prática sócio-espacial torna-se gradativamente esvaziado. O lugar da vida, transformado, passa a ser o que chama a autora de “espaço amnésico”, que relaciona-se diretamente com o “tempo efêmero”. Ainda que adquirindo diferentes características, espaço e tempo mantém sua indissociabilidade.

Em outras palavras, a produção do espaço no cotidiano possui duas perspectivas, quais sejam, a mundialização da sociedade urbana por um lado e a fragmentação do espaço e do indivíduo por outro. A produção do espaço se dá no âmbito do cotidiano, como forma de ocupação e uso do lugar em um dado tempo. Citando Milton Santos, a autora afirma que: “para se tornar espaço o mundo depende das virtualidades do lugar. Essas “virtualidades” consistem na interação entre sistema de objetos, que constituem a força produtiva, e o sistema de ações, representado pelo conjunto de relações sociais de produção. E para que o espaço se concretize, é necessária a combinação de objetos e ações atuando de forma particularizada e oportunizando a cada lugar “se definir por sua existência corpórea e por sua existência relacional” (Santos, 1994).

Acrescenta que para Lefebvre, as mudanças no espaço são fruto das articulações entre a ordem próxima e a ordem distante. A ordem próxima significando o plano do vivido, representando o lugar como momento de reprodução da vida, enquanto que a ordem distante se refere a uma mundialidade que determina padrões que se concretizam na ordem próxima. É a metrópole o locus ideal onde atua a tendência desigual e contraditória da instauração do cotidiano e, portanto, é importante analisar a reprodução do espaço e a reprodução da vida com base no cotidiano.

Olhar o espaço como condição/produto da acumulação nos leva a buscar entender a dinâmica da economia metropolitana atualmente, que acontece via setor terciário moderno, isto

é, serviços, comércio, setor financeiro, como condição de desenvolvimento na economia globalizada. Esta dinâmica exige a criação de um espaço que se viabilize como condição de acumulação.

Diante das necessidades de reprodução do capital, o espaço é produzido socialmente e tornado mercadoria no processo histórico. É apropriado privativamente, criando limites a sua própria reprodução, dada a produção de sua própria escassez. E como produto da reprodução da sociedade em contradição com as necessidades do desenvolvimento do capital.

Para concluir, a cidade, produto da acumulação de tempos do passado, ainda que perdendo seus referenciais urbanos – fruto da rapidez com que sua morfologia se transforma – redefine a prática socioespacial. O espaço, em constante mutação, e o tempo acelerado produzem nova dinâmica.

O tempo se revela no uso como modo de apropriação do espaço; consiste na materialização das relações sociais que se desenrolam como emprego do tempo, o que demonstra a inseparabilidade do espaço/tempo.

Diante disso uma nova relação espaço-tempo marca o período atual impondo-lhe uma instantaneidade de tal ordem que transforma o sentido dos termos. Neste novo sentido, os denomina de tempo efêmero e espaço amnésico. O tempo como duração da ação no espaço, isto é, como uso, revela-se nos modos de apropriação, é hoje acelerado, comprimido, monitorado, refém da dimensão quantitativa. Isso representa, na vivência do cidadão, a elaboração de uma rotina organizada embora homogênea pelos atos e gestos, modos de uso dos lugares da vida. Esta homogeneidade, atrelada à quantificação, é uma qualidade do capitalismo, que, ao exigir um novo tempo de produção, transforma os usos e as relações cotidianas, pois o espaço, nesse processo, também se transforma. Espaço e tempos abstratos redefinem constantemente os seus usos, criando identidades e destruindo simultaneamente as condições nas quais são gestados os componentes da memória coletiva. O tempo perde substância e o espaço, em constante mutação, perde seus referenciais. Redefinidos pela técnica, como condição primeira do processo de reprodução, tornam-se velocidade e distância. Espaço e tempo apresentam-se agora abstratos, sem sentido, contribuintes da produção de uma nova identidade, também abstrata, decorrente da perda de referenciais, do empobrecimento das relações sociais e impostas pelo desenvolvimento do mundo da mercadoria que atende as exigências da reprodução do capital no momento atual.

As relações sociais se inscrevem num espaço que se reproduz, como tendência, mas sem referências. Eis a estrutura do processo que a autora chama de espaço amnésico, um processo de ruptura abrupta: nesse contexto de aceleração do tempo, de velocidade, a cidade fica obsoleta sem que tenha envelhecido. A velocidade impõe o tempo rápido. O transitório se revela pelo

modo do uso dos lugares da metrópole, o que obriga as pessoas a se readaptarem às mudanças impostas pela produção espacial (p. 350). É a solidão no meio da multidão.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana . São Paulo: Editora Contexto, 2001. 368p. ISBN: 85-7244-185-9.